

MINHA CASA TEM MEU JEITO? PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO SOBRE O USO E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO ENTRE GERAÇÕES.ⁱ

LUCIA HELENA COSTA DE GÓISⁱⁱ

Contato: lhcpgau@hotmail.com; lhcpgau@bol.com.br

Linha de pesquisa: Política e Projeto Territorial/Área de concentração: Urbanização, Projetos e Políticas Físico-Territoriais/Projeto Interdisciplinar: “Modos de morar na contemporaneidade” (UFRN Pró-Reitoria de Pesquisa [2009-2013]).

INTRODUÇÃO

A casa, como um dos espaços das relações sociais do cotidiano, da família intergeracionalⁱⁱⁱ, se constitui objeto de discussão do presente texto que tenta responder as seguintes questões: *como o espaço cotidiano, da casa, se manifesta e influencia no tipo de convivência ou co-residência entre gerações?* Como as diferentes gerações percebem e representam o espaço construído? Quem fica, por exemplo, na suíte master? O jovem casal adulto? O idoso/idosa? O *bebê alérgico*? O *filho jogador de golfe* ou a *moça elitista*? De que forma e em quais momentos o espaço da casa representa os desejos, os sonhos e o perfil de cada morador ao ponto em que este perceba que a sua casa *tem o seu jeito*?

Em se tratando de representação e percepção não poderia deixar de incluir nestas indagações o responsável ou a responsável por projetos arquitetônicos de residências horizontais e verticais: o arquiteto e/ou a arquiteta, bem como o público-alvo a quem os seus projetos são destinados.

Nesta primeira fase da pesquisa os arquitetos envolvidos nesta discussão são aqueles que estão representados por revistas especializadas no ramo, cujo público-alvo, em geral, é aquele de alto poder aquisitivo, adultos jovens e/ou crianças. Adolescentes vêm depois, seguidos dos idosos e de idosas que praticamente inexistem enquanto público a ser considerado.

Esta constatação nos instiga outras indagações que complementam as indagações iniciais: nas produções do espaço arquitetônico - que as revistas divulgam - como os arquitetos e os designers de interiores “pensam a casa” e sua relação com os moradores? A residência é desenhada e/ou decorada para que tipo de morador?

Pensam em si, isto é, transferem para seus projetos os anseios, sonhos e percepções sobre o significado de casa? e quando pensam nos clientes ou público-alvo, que tipo de público vem a sua mente? bebês, crianças, adolescentes, jovens adultos ou idosos?

OBJETIVOS

Refletir sobre o espaço da casa da família intergeracional e mostrar como este tipo de família está em *sintonia*, ou não, com o espaço construído; e ao mesmo tempo refletir sobre os tipos de projetos e o público-alvo para quem as produções de arquitetura (que dialeticamente refletem concepções de família e de uso do espaço doméstico) se dirigem, constituem objetivos do presente estudo.

METODO

O estudo, em nível de doutorado, contou - além da pesquisa empírica realizada com famílias de camadas sociais média-alta e alta, do Nordeste e Sudeste do Brasil^{iv} - também com recursos áudio-visuais incluindo fotografias, cinema e televisão, bem como com farta pesquisa documental, principalmente iconográfica, com base no conjunto das imagens que integram diversas obras editoriais como livros, revistas e coleções (disponíveis on-line ou não) especializadas em habitação, construção, design e decorações, com a finalidade de apreender discursos sobre o espaço construído onde se dão as formas de morar na sociedade contemporânea.

A utilização da iconografia se justifica pela sua importância e eficácia no uso de imagens para representar determinado tema, que além das produções arquitetônicas do espaço construído, projetos de decoração e ambientação, também foram incorporados ao presente a caracterização, na sua forma, do *estilo de vida e modos de morar*^v das famílias intergeracionais presentes em matérias das revistas *Habitare*, *Casa Cláudia*, *Casa e Decoração*, *Minha Casa*, *Caras* e os documentários sobre a Casa Brasileira do programa de televisão GNT, responsáveis pela divulgação e construção de uma cultura arquitetônica no Brasil.

A Teoria das *Representações Sociais* é utilizada para compreender o espaço construído, vivido no cotidiano, e possibilitar abordagens que buscam conhecer como as famílias intergeracionais se vêem e representam sua realidade; como elas vivem, percebem e concebem (num movimento dialético que nunca cessa) ocupando os interstícios entre o vivido e o concebido na relação espaço construído e relações intergeracionais no cotidiano. (LEFÈBVRE, 1980, p.94).

O modelo analítico, portanto, para refletir o *uso e ocupação do espaço da casa da família intergeracional*, parte dos seguintes categorias: gerações^{vi}, co-residência, percepção, representações, espaço social construído e cotidiano.

PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO SOBRE O USO E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO A PARTIR DA REALIDADE EMPÍRICA.

Na sociedade contemporânea, além da exigência das mulheres permanecerem^{vii} no mercado de trabalho, existem outros fatores que provocam de forma complexa a *recomposição dos modelos familiares* em vigência, como por exemplo, a mudança dos estilos de vida, a mobilidade geográfica das famílias e dos indivíduos em virtude não só do envelhecimento populacional, mas da longevidade provocados, em parte, por casais sem filhos, os dinks^{viii}, que favorecem o crescimento lento e envelhecimento da população, que já chegam a dois milhões; a emancipação de todos ou grande parte dos membros das famílias cujas relações estão [...] *mais simétricas, menos hierarquizadas* (FALCÃO; BATISTA, 2010 p.13); jovens fazendo das relações afetivas, *do ficar*, um *test drive* em substituição ao casamento formal, alguns inclusive morando, com seus parceiros, na casa do pai, avós ou tios avós; número elevado (68,3%) de idoso-idosas vivendo por conta própria e morando sozinhos (IBGE, 2010); Os meios de comunicação de massa responsáveis pela distribuição

social do conhecimento; ou a própria fragmentação do espaço na concepção de Lefèbvre (1961).

Esta fragmentação dos papéis e dos espaços de convivência, especialmente nas grandes cidades, aliada a especulação imobiliária, mudanças socioeconômicas e interpessoais, faz com que casas, apartamentos e outros tipos de residências, fiquem cada vez mais caros e menores provocando o declínio da *co-habitação* entre gerações. O que constitui um grande desafio para famílias que conservam ou (re) constituem a sua unicidade intergeracional e precisam de um espaço construído convidativo para esta convivência. Enquanto o espaço intergeracional não se firma como tal, rearranjos extremamente criativos se dão no espaço doméstico em função dos hábitos, necessidades, relações entre gênero e gerações e “*adaptação*” ao espaço construído.

Lefèbvre, no capítulo de que trata *espaço social e tempo social*, da obra *Critique de La Vie Quotidienne* (1961), mostra que o *espaço social* ou cotidiano, *subjetivamente é o ambiente do grupo e do indivíduo no grupo, é o horizonte ou centro do qual se situam e no qual eles vivem*. (p.233); ou seja, habitado pelas representações, que se articula com o saber, os sonhos, as lembranças e as ficções. O espaço das relações sociais do dia a dia é o bairro, a casa, enfim é o lugar, que não deve ser confundido simplesmente como espaço geométrico, mas o espaço construído através da percepção dos sujeitos, ou o espaço cotidiano.

E é, na riqueza do cotidiano, segundo Lefebvre (1961), que se esboçam as mais autênticas criações, os estilos e formas de vida em que se operam a renovação incessante do homem: o nascimento e formação dos filhos, o desenvolvimento das gerações. Se uma imagem, uma arte ou um mito não se introduz na cotidianidade (no vivido) permanecem abstratos ou morrem. Já o inverso, os mais profundos desejos e as aspirações mais válidas se arraigam e permanecem nelas. E para conceber o cotidiano, para tomar em consideração a teoria da cotidianidade, há algumas considerações preliminares: primeiro fazer um estágio, viver nela – em seguida rejeitá-la e tomar uma distância crítica. A ausência dessa dupla condição torna impossível a compreensão e suscita os mal-entendidos. (LEFEBVRE, 1991, p.82).

As sucessivas transformações do espaço social construído (no caso, a casa) estão relacionadas não só com as questões econômicas, mas com o percurso de vida familiar, como - nascimento e morte, por exemplo -

mas também estão relacionadas com as modalidades de partilhas familiares, geração após geração.

Como, então, o espaço cotidiano, da casa, se manifesta e influencia no tipo de convivência ou co-residência entre gerações? De que forma e em quais momentos o espaço da casa representa os desejos, os sonhos e o perfil de cada morador ao ponto em que este percebe que a sua casa tem o seu jeito? Como as diferentes gerações percebem e representam o espaço construído?

Das famílias observadas e entrevistadas percebo, em princípio, que há um diferencial sim, na sua relação com o espaço construído, especialmente as de co-residências. De acordo com Camarano (2004), em seu estudo sobre modalidades de co-residências^{ix} existem dois tipos de famílias dentro desta categoria: 1) famílias *de idosos*: onde o idoso é chefe ou cônjuge; 2) famílias *com idosos*: onde os idosos moram na condição de parentes do chefe ou do cônjuge. Considera-se que na primeira residem idosos com autonomia, e na segunda, idosos com vários graus de vulnerabilidades e dependência que necessitam da ajuda dos familiares: filhos, noras, genros, netos e/ou sobrinhos.

Ao comparar a casa **do** idoso/idoso e a casa **com** idoso percebe-se maior autonomia na casa **do** idoso. Mas, em algumas famílias constatou-se cerceamento da autonomia de pessoas idosas, pela própria família intergeracional **de idoso**; Os tipos de cerceamentos diferem de uma família para outra. Há famílias em que o cerceamento ocorre em função de certa vulnerabilidade do idoso. A falta de mobilidade, por exemplo, é uma das razões, embora a idosa se encontre com todas as faculdades em perfeita forma, a exceção do problema na coluna cervical, não foi possível evitar o cerceamento. Inclusive mudanças na estrutura dos espaços e decoração. Há outra família que o cerceamento se dá mais pelo fator cultural, estigma e preconceito em torno da imagem da velhice e do processo de envelhecimento. (Falcão e Baptista, 2010, p.23).

Há um caso em que a idosa, 78 anos, se encontra com todas as suas faculdades físicas, cognitivas em perfeito estado, mas não evitou que a sua autonomia fosse cerceada pelos filhos, quando estes se desfizeram de objetos, mobiliários e imagens religiosas contra a vontade da idosa, sob a alegação de que estavam obsoletos e inúteis. Além do aspecto cultural houve certa inversão na questão hierárquica uma vez que é o filho que co-habita a residência **da** idosa e a filha nem mesmo co-habita já que tem sua própria residência.

Em se tratando da organização familiar, os padrões de autoridade são significativamente importantes, porque a partir da hierarquia (quem manda em que e no que), pode-se perceber a carga de harmonia e/ou conflito que tendem a surgir na medida em que as modificações começam a surgir na família. (MINUCHIN, COLAPINTO e MINUCHIN citado por FALCÃO e BAPTISTA, 2010).

Interferência dos espaços construídos nas formas de morar, especialmente nas relações afetivas, econômicas e nas relações de poder tem as seguintes características nas famílias analisadas:

Quando a família intergeracional é **de** idoso, este tem mais autonomia, tanto em mobilidade física, financeira e geralmente dita as regras. As residências em que os idosos têm mais autonomia há maior intercâmbio social, embora o fluxo intergeracional parta dos mais novos para os mais velhos; ou seja, no caso em que as residências têm o idoso como referência, há um nítido sinal de que quem precisa mais neste intercâmbio são os mais jovens evidenciados pelas seguintes atividades: os avós, ou tios-avós vão buscar as crianças na escola; vão deixar e buscar para a prática de esportes; cinema, festas de aniversários. Na verdade eles preenchem ou exercem funções (a maior parte das atividades) que normalmente caberiam aos pais. A necessidade financeira, no caso, dos mais jovens, é muito comum neste intercâmbio. Não significa dizer que a residência **com** idoso esta necessidade não exista, existe, mas o volume é bem maior e bastante complexo e tem outras características.

O presente estudo não se limita, portanto, a contemplar os indivíduos que de fato *dormem* sob o mesmo teto, mas *inclui* também as *pessoas temporariamente ausentes, ou presentes*, que continuam ligadas a uma determinada casa, identificando-a como a *sua casa*. Também *se incluem* os filhos casados em situação idêntica, embora eles próprios já constituíssem um grupo doméstico autônomo e o seu contato com a casa de origem (dos pais) é meramente circunstancial (AFONSO, 1997), evidenciando, segundo Camarano et al (2011) que apoios intergeracionais, via arranjos familiares, têm sido bastante utilizados como *estratégias de sobrevivência*. Uma das estratégias mais relevantes tem sido a co-residência, acima citada, aqui denominada estratégia *de co-residência intergeracional*. O estudo trabalha com três tendências: *temporária, permanente* (CAMARANO, 2003) e *transitória/conexão*, esta última, um novo conceito inserido por mim, já que a realidade empírica nos leva a identificar outra forma que não a *temporária* ou *permanente*.

Quanto ao significado de *permanente ou temporário*: *permanente* é quando existe a co-habitação até a morte do pai-idoso ou mãe-idosa. *Temporária* é aquela em que os filhos dos idosos, por questão de sobrevivência econômica e/ou afetiva, devido ao divórcio/morte de um dos cônjuges, genro/nora, se mudam para a casa dos pais-idosos até se refazerem de uma ou outra situação.

Acontece que existem residências que se utilizam de pelo menos duas estratégias, ou uma que contemple as duas, como por exemplo, a *transitória/conexão*. A *transitória ou conexão* é quando os pais-filhos ou pais-sobrinhos deixam seus filhos na casa dos pais-avós ou tios-avós fato muito comum na contemporaneidade, e saem para trabalhar só retornando, por volta do meio dia para o almoço (quando retornam); retornam ao trabalho na parte da tarde e após o expediente se dirigem a casa dos seus pais-idosos ou tios-idosos para buscarem seus filhos, retornando em seguida para as suas *casas-dormitórios*. Estas, durante a semana são simples dormitórios e se constituem um “lar” somente nos finais de semana; e mesmo assim se os pais não têm outra programação em casa de amigos, viagens para as praias ou chácaras. Este tipo de arranjo, o *transitório*, em muitos casos se torna um tipo de *arranjo permanente* devido a longevidade da situação; situação que perdura por toda existência ou quase, até os seus filhos/netos se casarem ou se mudarem de residência ou para outra cidade.

Dentro do tipo de arranjo *transitório/conexão* encontra-se também a rotina de filhos/netos, sobrinhos-netos deixarem os pais, avós ou tios, pela manhã, em instituições de permanência diurna, recolhendo-os a noite para estes dormirem em casa, como se essa semi-institucionalização fosse uma espécie de “creche para idoso”, que funciona também nos finais de semana e em época de férias, se necessário. Atrelado às condições de sobrevida do idoso, esse tipo de arranjo tem uma temporalidade menor do que a citada anteriormente.

De qualquer forma, sejam quais forem as suas estratégias, estas são configurações instáveis, segundo Wall (2004), que têm contornos diversos, que se fazem e desfazem em função dos acontecimentos tanto de ordem pessoal/individual quanto de ordem familiar; carências econômicas, por fatores associados a cuidados prestados a dependentes ou doentes e, também, sob o efeito de mudanças sociais e movimentos da população que tendem a afetar a dispersão geográfica e a situação econômica dos membros da família. (WALL, 2004).

Permanente, provisória, transitória/conexão. Das dez famílias, entrevistadas e observadas nesta primeira fase,

seis vivem em *permanente* co-residência; duas *provisórias*; *transitória/conexão* tem uma; *permanente/conexão* tem uma.

A *permanente/conexão* é quando a neta ou neto passa o dia na casa dos avós/pai ou mãe; tem o seu ambiente/espço individual, mas á noite se muda para casa de um dos genitores. Isto é, mora com os avós ou um dos pais, tem o ambiente todo para si; vive o cotidiano, mas à noite tem que se deslocar só para dormir com um dos genitores. É bastante parecido com o transitório-conexão, mas o diferencial é que a sua casa, o seu ambiente, se encontra na residência dos avós/pai ou mãe. O transitório-conexão as crianças *passam o dia*, mas *não moram* com os avós ou tios-avós.

Quanto às formas de morar e em quais momentos o espaço da casa representa os *desejos, os sonhos e o perfil* de cada morador e como as diferentes gerações percebem e representa o espaço construído, são preocupações centrais neste item, cujos resultados parciais são os seguintes:

A maioria mora na residência em torno de 30 anos; somente uma que mora há pelo menos seis anos.

Todas as residências, com exceção a do Rio de Janeiro (cinco quartos), têm em torno de três quartos e quando tem quarto excedente, este sempre é construído a partir da dependência de empregada ou uma “puxadinha” nos fundos da casa. E em todas, com exceção a do Rio de Janeiro, não há uma sintonia entre o projeto arquitetônico e os desejos e necessidades do morador entrevistado e observado.

Curiosa com a quantidade e qualidade de revistas de arquitetura e decoração na residência de um dos entrevistados, e tentando articular com as reclamações sobre o tipo de construção dos imóveis, questionei por que comprem as revistas de arquitetura e decoração se acham que não podem usufruir das propostas que elas contêm? A resposta veio em seguida:

- Para sonhar [...] mesmo que possamos ter a oportunidade de construir ‘como manda o figurino’, infelizmente os projetos arquitetônicos dos apartamentos, em especial, não estão afinados com os nossos desejos, sonhos e conforto. Morar em apartamento ou casa de quatro ou cinco quartos, por um preço acessível é um sonho impossível e como não temos o privilégio de realizar nossos sonhos vivemos em um pesadelo.

Pesadelo se refere à sobreposição dos espaços ou a falta de espaço suficiente para que todos vivam em harmonia dentro de casa.

Quando questionei sobre o que jamais pode faltar na residência? As respostas foram quase que unânimes: fotos, objetos dos parentes queridos, como por exemplo, uma arca, cômoda, imagens de santos. Inclusive, boa parte das residências tem o espaço para orações; mas há duas residências em que cada ambiente da casa você se depara com o *cantinho de DEUS*.

É neste sentido que King, citado por Camargo (2010), afirma que muito do que temos em casa como querido não são apenas posses, mas relações afetivas. A autora corrobora ao afirmar que o processo de reunir objetos na casa habitada não é de simplesmente o de acumular coisas, por que o mais importante de tudo isto é o compartilhamento.

Quando foi solicitado que a resposta fosse de forma aleatória: qual o lugar da casa ou do apartamento que você mais gosta? Aqui teve um pouco de variação nas respostas: cozinha, varanda, quarto de dormir, sala de estar. Quando foi solicitado por ordem de importância: também teve variações. As residências que têm em cada ambiente (inclusive sala de estar), TV por assinatura, a preferência foi o quarto de dormir, embora em alguns momentos alguém tenha que negociar com outro membro da família, quem fica, por exemplo, na sala ou no quarto. Isto porque a residência em foco tem duas assinaturas de TV: Sky e TV a cabo. Questionei o porquê disso a resposta foi que *pela Sky não se consegue ver programas religiosos e jornais locais na maioria das emissoras*. E exatamente há um quarto que não tem simultaneamente as duas TVs por assinatura e por isso entra na negociação o uso do espaço. Estas e outras estratégias são bastante utilizadas por famílias de camada social média alta para *acomodar* os membros da família intergeracional.

COMO OS ARQUITETOS, DESIGNERS DE INTERIORES E O PÚBLICO-ALVO DE SUAS PRODUÇÕES “PENSAM A CASA”?

Resultados mostram, em sua grande maioria, que o conjunto das produções recentes exibidas em revistas especializadas: Arquitetura e Construção, Casa Claudia, Minha Casa, Casa e Decoração, entre outras, têm dado ênfase a um determinado público que não o idoso ou casal sênior de uma família intergeracional.

Embora a Revista Habitare (n.26, 2009, p.100-109) divulgue propostas da *casa do casal sênior, e não família com o casal sênior*; tem incluído nos seus projetos a *casa*

de solteiro, casa do jovem casal e suíte do bebê alérgico. (n.26, 2009, p.106-107).

Em um espaço de 30 m², as arquitetas Francine Trevisan e Patrícia Bello Ishin, projetaram o quarto do *bebê alérgico* com o objetivo de criar um ambiente *clean*, atendendo as necessidades de amenizar os sintomas da alergia. Vidro, acrílico, bambu compõem a decoração, além dos móveis laqueados. A preocupação com uma faixa etária da população mais nova é tão evidente que tem revistas dedicadas exclusivamente para este segmento.

O nº 32 da Habitare é dedicado ao Home Office, já na capa. Embora contenha 148 páginas com diversos conteúdos há 17 páginas dedicadas a *Mostra da Itu Casadecor* com o tema “Uma casa inteligente como você”; uma exposição que contou com a participação de cinquenta profissionais de Itu e regiões. O desafio de cada profissional foi apresentar *soluções criativas* para quem quer *construir, reformar ou decorar*. Os ambientes planejados são os mais diversificados e destinados a um público de camada social média-alta e alta e com as seguintes características: *quarto do filho jogador de golfe*; *Studio da moça elitista*, uma espécie de dois ambientes em um - estúdio-atelier de um lado, e do outro o dormitório – (n.32, 2011, p.76-93); ambiente do tipo *hobby dos donos da casa* (não informa o tipo de casal, mas pela ilustração privilegia o casal jovem e moderno); *suíte dos hóspedes*. (p.76-93). *Closet da avó* (HABITARE, n.28, 2010, p.67), mas não faz referência se este está instalado em uma residência intergeracional ou na residência da avó.

A revista destinada à decoração de quartos de bebê, da Editora CasaDois, por exemplo, lançada há quatro anos, não tem periodicidade certa, segundo informações da editora; mas, já se encontra na 23ª edição, cujo conteúdo, conforme título sugestivo inclui, em média, para cada uma, entre 15 e 20 projetos *super charmosos* para que se possa criar um *ambiente exclusivo* de meninos e meninas. E foi lançado recentemente *O Guia Decoração de Quartos de Bebê* que traz mais de trinta modelos de quartos decorados.

Há também preocupações, de forma intensiva, *com a área externa de lazer*, e incluindo nesta, *cozinha aberta para o social*, os famosos *espaços gourmets*, tão propalados nos encartes e panfletos das imobiliárias, construtoras e revistas especializadas (Habitare, n. 10, 2005; n.27, 2010, p. 58-61; n.34, 2011), *mas nada que*

possa perceber a preocupação com uma *família intergeracional*, em especial, aquela com o *idoso*.

O desinteresse, ou rejeição pelo idoso, lembra o que Bosi (2003) nos coloca que em relação à criança “o adulto investe para o futuro”, enquanto em relação ao velho, age-se com “duplicidade e má fé”. Ou seja, de um lado “a moral oficial prega respeito ao mais velho”, de outro lado quer que o velho ceda seu lugar aos jovens. As residências intergeracionais, **com** idoso, em sua grande maioria, e algumas **de** idoso, por mais luxuosas que sejam o *espaço-quarto* do idoso sempre é o menor da casa, fato que vem chamando a atenção da pesquisadora quando faz visitas sociais (não estão incluídos neste quadro os membros desta pesquisa).

Casa *clean* é outra característica do *morar contemporâneo* e está relacionada a ausência de supérfluo, mobiliário mais baixo que favorece a verticalidade dando a sensação de maior amplitude (NARJARA, 2012), mas também favorece inúmeros *esbarrões* nos joelhos acarretando o que significa ausência de acessibilidade aos portadores de necessidades especiais, como o idoso, por exemplo. Da mesma forma o acúmulo de informações ou *mimos* que as pessoas adquirem e *jogam pela casa* ou como diz a Jet setter Andrea Dellal [...] *a casa vai acontecendo* [...] o ambiente fica com a cara do dono [...] (REVISTA CARAS, 2011) também tem seu aspecto negativo.

Ao analisar a matéria de Borowsky, *Paris com jeito de lar*, da Revista Contigo (2012, ed.1903) em que o arquiteto Sig Bergamin, 57 anos, abriu as portas de uma das suas residências, encontrei certo paradoxo. Primeiro por ser arquiteto e segundo por se encontrar numa condição de pré-idoso^x. O arquiteto ao repaginar o apartamento de 100 m², do século XVII, localizado em Saint Germain, Paris, não planejou um apartamento para idoso, haja vista os inúmeros planos acidentados do apartamento, especialmente no banheiro ou *sala de banho* como o arquiteto o chama.

Cheio de espelhos e objetos antigos *é um espetáculo à parte*. Neste, tem uma banheira vitoriana comprada em um antiquário. O ambiente da sala de banho não tem nada de minimalista. Detalhe: o WC fica em outro ambiente cujo acesso dá por uma escada de quatro degraus. O imóvel situado na Rue Visconti encontra-se todo no original, portas, janelas, apesar de ter passado por uma grande obra, *tudo continuou bem a cara da França*, revela o arquiteto. O arquiteto frequenta a cidade quatro vezes por ano. (BOROWSKY; REINO, 2012). É uma residência para apreciar ou passar pequenas temporadas, e não casa de quem usa.

Na verdade o arquiteto em outra matéria da Revista Cyrela (2010, ed.08) ao falar de sua residência em São Paulo - ambiente que passa a maior parte do tempo quando está na cidade - enfatiza: *Tem gente que odeia a minha casa porque é cheia de coisa. Nem dá para separar o que é obra de arte do que é decoração. Tudo se mistura*. (REVISTA CYRELA, 2010, p.46). E admite que tem preocupação em decorar a própria casa porque:

[...] mudo tudo o tempo todo. Minha casa é um laboratório [...] quem é *clean* não gosta. Ao mesmo tempo eu admiro o minimalismo, quando a arquitetura por si só já se comunica. Mas até certo ponto, senão a pessoa fica escrava do próprio cenário, não tem lugar para colocar um copo. Decoração precisa ser prática. Qualquer peça é válida. (REVISTA CYRELA, 2010, p.48).

Ausência de acessibilidade, mas em contrapartida, surge a necessidade de *resgate* dos costumes e tradições das pessoas que habitam as casas contemporâneas: encontrar elos perdidos com o seu passado, suas referências de família (NARJARA, 2012), diga-se de passagem, conciliação bastante difícil ou quase impossível mediante o apelo de tanto consumismo e cultura do descartável promovido pela tecnologia num processo de convencimento, na íntegra, aos mais jovens.

No cotidiano de uma família intergeracional não há como conciliar o ecletismo de *art decò*, *sem stress e aborrecimentos*, em gerações tão heterogêneas. A *boa vontade ou visão eclética dos designers de interiores no morar contemporâneo, é impossível*, quando a residência comporta diversas gerações. A construção de apartamentos ou casas com espaços cada vez mais reduzidos dificulta essa articulação ou a *inclusão*, como por exemplo, de um móvel *tão cafona, marmotento* ou *brega*, no dizer de pessoas jovens, com uma cristaleira de estilo clássico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões que são referenciadas no presente estudo permitem afirmar que:

As famílias, de três gerações, especialmente, têm se utilizado de estratégias para *acomodar* os seus habitantes em espaços reduzidos o que favorece a sobreposição de funções do espaço. A percepção de cada morador é que as atuais formas de co-habitação, com espaços reduzidos, *não têm o jeito de cada um*, em

virtude das necessidades básicas e especiais de cada geração.

Os arquitetos e designers de interiores ao não incluírem a família intergeracional, em especial a que tem o idoso e/ou idosa como referência, e não atrelar esse tipo de família as suas propostas, produziram um vácuo teórico conceitual e propositivo que não corresponde à realidade social já que a família intergeracional revela sua presença não somente nas pesquisas empíricas, mas também nos dados mais recentes do IBGE (61% dos idosos são chefes de família) surgindo novos desafios, especialmente quando se trata da relação envelhecimento, família e urbanização como tendências demográficas importantes no século XXI.

As propostas elaboradas por arquitetos, designers e decoradores de interiores são influenciadas por propostas da academia, que tradicionalmente não conceituam, nem definem as formas de morar da família intergeracional.

Apesar da difícil, mas não impossível conciliação, as famílias (re) criam uma configuração espacial mais adequada às transformações dos modos de vida da família intergeracional, onde modalidades e hábitos se estabelecem, reforçando o sentido vivido ou simbólico de convivência e hospitalidade e a essência de noção de casa ou lar, driblando os ditames do mercado imobiliário e as armadilhas da sociedade contemporânea.

No cotidiano de uma família intergeracional não há como conciliar o ecletismo de *art decò*, *sem stress e aborrecimentos*, *em gerações tão heterogêneas*. *A boa vontade ou visão eclética dos designers de interiores no morar contemporâneo, é impossível*, quando a residência comporta diversas gerações.

Para o bebê alérgico tem e para o idoso também. Mas o idoso separado da sua família; alusão ao idoso morar *perto* da família, mas não *com* a família; alusão ao idoso institucionalizado; ao casal sênior também, mas não o casal sênior junto à família intergeracional.

Incentivo ao espaço coletivo (espaço gourmet, áreas de lazer), constitui um paradoxo quando as pessoas, mesmo querendo morar com os seus, privilegiam a *individualização do corpo* ou *desejo de um cantinho só para si*.

Há uma sintonia entre o que propõe o arquiteto de um público extremamente privilegiado, como Jet Setters, artistas e famosos de um modo geral; mas, não existe sintonia entre este arquiteto e as camadas sociais média-alta da realidade empírica que comprem as produções divulgadas por revistas especializadas na área

de construção e design. Os mais privilegiados têm o poder de exigir porque pagam muito bem. E embora este solicite ao arquiteto e decorador um determinado tipo de casa, *esta tem a cara e o jeito do dono* porque foi milimetricamente projetada visando à individualidade de cada morador.

Personalizar a moradia deve ser considerado uma vez que implica mudanças complexas, especialmente quando não existe unipessoalidade no habitat, mas multigerações com suas preferências, níveis de renda e ambições sociais diferenciados. Apesar de privado o *espaço da casa* não deixa de ser coletivo.

Não, a minha casa não tem o meu jeito e nem o jeito dos meus...

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Dr^a Françoise Dominique Valéry, inteligente, objetiva, prática e exigente, tem sido fonte de inspiração e incentivo ao longo de 14 anos; aos sujeitos-atores da pesquisa que sem a colaboração e paciência destes, a pesquisa não seria possível. Aos professores e professoras (das disciplinas que paguei) e os que fizeram parte dos Seminários de Tese I e II cujas contribuições têm sido a bússola (precisa de manutenção) que guia a pesquisa, meus agradecimentos. A minha família que mesmo sem entender porque estudo tanto, e sempre a exigir minha presença no seu cotidiano, tem sempre aberto espaço para que a tese *termine logo* e com final feliz. De acordo com as Normas da ABNT os agradecimentos devem ser *dirigidos àqueles que contribuíram de maneira relevante à elaboração do trabalho*. Mas, apesar de tentar incutir na cabeça dos meus alunos a absorção plena dessa Norma, não poderia deixar de incluir um agradecimento especial ao Divino Espírito Santo, que tem me guiado, não só na vida acadêmica, mas na minha vida pessoal que se não estiver nos trilhos a tese se descarrila.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA. (ANDI). Disponível em: <<http://www.andi.org.br>>. Acesso em: 19/08/2012.

AFONSO, A. I. **Terra, Casa e Família: Valores em Mudança numa Aldeia de Terras de Miranda (Sendim, 1944/1994)**. 204f. Tese (doutorado em Antropologia Cultural e Social). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1997.

BOROWSKY, Camila. Paris com jeito de lar. **Revista Contigo**, ed.1903, mar.2012.

REVISTA CYRELA. Sig Bergamin na linha do horizonte. Ano 02, Ed. n.8. ago. 2010.

CAMARGO, Érica Negreiros de. **Casa, doce lar**: o habitar doméstico percebido e vivenciado. São Paulo: Annablume, 2010.

REVISTA DECORAÇÃO DE QUARTOS DE BEBÊ. Disponível em: <<http://www.loja.casadois.com.br>>. Acesso em: 20 de mar.2012.

CASA CLAUDIA. São Paulo: Abril. Ed. n. 606. Ano 36. n.02, fev. 2012.

ROGAR, Roberta de Abreu Lima e Silva. Elas estão de volta ao lar. In: Revista **Veja**, 14 de julho, 2010. Comportamento.

CASA E DECORAÇÃO. São Paulo: Editora On line, n.ºs: 52, 53, 54,55.

SOUZA, Charles Benedito Gemaque. **A contribuição de Henri Lefebvre para reflexão do espaço urbano da Amazônia**. Disponível em : <<http://artigos.netsaber.com.br>>. Acesso em 25 jun. 2010.

FALCÃO; Deusivânia Vieira da Silva; BAPTISTA; Makilim Nunes. Avaliação psicológica de famílias com idosos. In: FALCÃO; Deusivânia Vieira da Silva (org.). **A família e o idoso**: desafios da contemporaneidade. São Paulo: Papirus, 2010. p. 13-36.

VALÉRIO, Raquel. **Contribuições de Henri Lefebvre e da teoria das representações sociais à educação**: um estudo do espaço vivido. Publicado em 20/03/2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com>> Acesso em: 25/06/2010.

HABITARE. n. 26, 2009.p.100-109.

Disponívelem:<<http://www.revistahabitare.com.br>> Acesso em: 10 jan.2011.

WALL, K. **Famílias no Portugal Contemporâneo**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004.

_____. n.27,2010.p.58-61.Disponível

em:<<http://www.revistahabitare.com.br>> Acesso em: 10 jan.2011.

_____. n.28,2010.p.67. Disponível em: <<http://www.revistahabitare.com.br>> Acesso em: 10 jan.2011.

_____. n.32, 2011, p.76-93. Disponível em: <<http://www.revistahabitare.com.br>> Acesso em: 19 jan.2012.

_____. n. 34,2011. Disponível em:<<http://www.revistahabitare.com.br>> Acesso em: 25 abr.2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) (Rio de Janeiro).

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. 4. ed. Paris: Anthropos, 2000.

LEFEBVRE, Henri. La présence et l'absence – contribution à la théorie de des representations. Paris: Casterman, 1980. In: CZESZAK, Wanderlucy A. Corrêa. **O Conceito de Representação de Henri Lefebvre e a Questão do diálogo na relação professor/aluno**. Revista Internet, ano III, n8.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Critique de la vie quotidienne**: fondements d'une sociologie de la quotidienneté, v.II, Paris : L' ARCHE EDITION, 1961.

NAJARA, Kátia. O morar contemporâneo. Disponível em: <<http://www.katianajara.com>>. Acesso em: 19 de jan. 2012.

NOTAS

ⁱ Trabalho originalmente apresentado na 17ª Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa Sobre a Mulher e Relações De Gênero-REDOR. 14 a 17/11/2012.

ⁱⁱ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Professora Adj.IV do Departamento de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

ⁱⁱⁱ Entende-se por família *intergeracional* aquela constituída por pessoas de diferentes gerações, em que indivíduos, ou duas ou mais famílias co-habitam o mesmo espaço construído e tem, de preferência, o idoso e a idosa como referência.

^{iv} Foi realizado survey em residências situadas em condomínios fechados (horizontais e verticais) e residências unifamiliares de camada social média-alta e alta. Na cidade de Natal/RN, a pesquisa concentrou-se, nesta fase, em bairros como Candelária, Petrópolis e Tirol; e no Rio de Janeiro, na Barra da Tijuca. Os referidos bairros são considerados por construtoras e imobiliárias típicos de camadas sociais de maior poder aquisitivo.

^v Modos de morar ou estilos de vida são aqui designados como a integração particular entre a pessoa e o espaço privado, entre o ser humano e a casa. Compreende a vida privada, seu conforto e intimidade, o cotidiano da vida doméstica dos seus habitantes, significados e valores desenvolvidos num espaço físico e que se transformam de acordo com as mudanças da família e da sociedade. É detectar as características espaciais e funcionais da habitação e as

transformações decorrentes das alterações de comportamento e perfil do grupo doméstico.

^{vi} A tendência do presente estudo sobre a categoria gerações é aquela que segue a **linearidade geracional**: Pai/mãe – Filho/filha – Neto/Neta – Bisneto/bisneta – Tataraneto/Tataraneta. E a que segue as gerações por **faixa etária**, ou seja, a intergeracional obedecendo-se a classificação da Organização das Nações Unidas (ONU), Organização Mundial da Saúde (OMS), Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi), mas com adaptações e inclusões de novas classificações em virtude da realidade empírica por mim observada.

^{vii} Apesar da nova tendência o IBGE mostra que 60% do total das mulheres, com filhos, ainda está trabalhando.

^{viii} Sigla em inglês para *dupla renda, nenhum filho*.

^{ix} Co-residência intergeracional é uma forma de cuidado mútuo, no qual há interação, troca de experiência, ajuda e apoio entre as gerações. A co-residência de que trata o estudo refere-se à situação na qual o idoso vive com seus familiares ou vice e versa.

^x A Organização das Nações Unidas (ONU) divide os idosos em três categorias: os pré-idosos (entre 55 e 64 anos); os idosos jovens (entre 65 e 79 anos – ou entre 60 e 69 para quem vive na Ásia e na região do pacífico); e os idosos de idade avançada (com mais de 75 ou 80 anos). Idoso ou idosa segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) é aquele indivíduo que se encontra na faixa etária de 60 anos acima. Para o presente estudo, foram consideradas as propostas das duas organizações. O estudo ao considerar as duas propostas dividiu os idosos também em três categorias, mas com pequenas alterações condizentes não só com a realidade empírica local, mas considerando a elevação da expectativa de vida em muitos países, onde se convive com idosos de diversas gerações, portanto com necessidades também variadas: os pré-idosos (entre 55 e 59 anos); os idosos jovens obedecendo-se a nossa legislação ao utilizar a definição de **idoso**, no que concerne a idade inicial, citada na Lei nº. 8842/94, Art. 2º, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso que “considera-se idoso, a pessoa com idade igual ou superior a sessenta anos” (BRASIL, 1994, p.12); ou seja, aqueles que estão numa faixa entre 60 e 75 anos; e os idosos de idade avançada (com mais de 75 anos).